

Impacto do Coronavírus no Agronegócio Brasileiro

O momento atual de pandemia em virtude da Covid-19 tem afetado fortemente a economia mundial, tendo alguns especialistas afirmado que o impacto será superior ao observado durante a recessão mundial de 1929. A estimativa do Fundo Monetário *Internacional* (FMI) é de retração de 3,0% na economia mundial e no Brasil, de 5,3%.

As cadeias produtivas do agronegócio também deverão sofrer com essa nova realidade mundial. No entanto, a depender de como estes segmentos se encontravam antes da deflagração da pandemia, sua elasticidade-renda e direcionamento de mercado, alguns deles deverão sofrer em menor grau, enquanto outros passarão sem maiores danos por este momento.

Fortemente atrelado a diversos fatores de incertezas, como flutuações de mercado, mudanças de políticas agrícolas internas e externas e as intempéries climáticas, ao agronegócio soma-se agora o elevado grau de incerteza ao futuro das suas distintas cadeias produtivas. Em virtude da possível retração do PIB nacional, a demanda interna por produtos do agronegócio deverá se reduzir, tornando-se desafio a manutenção de algumas cadeias produtivas.

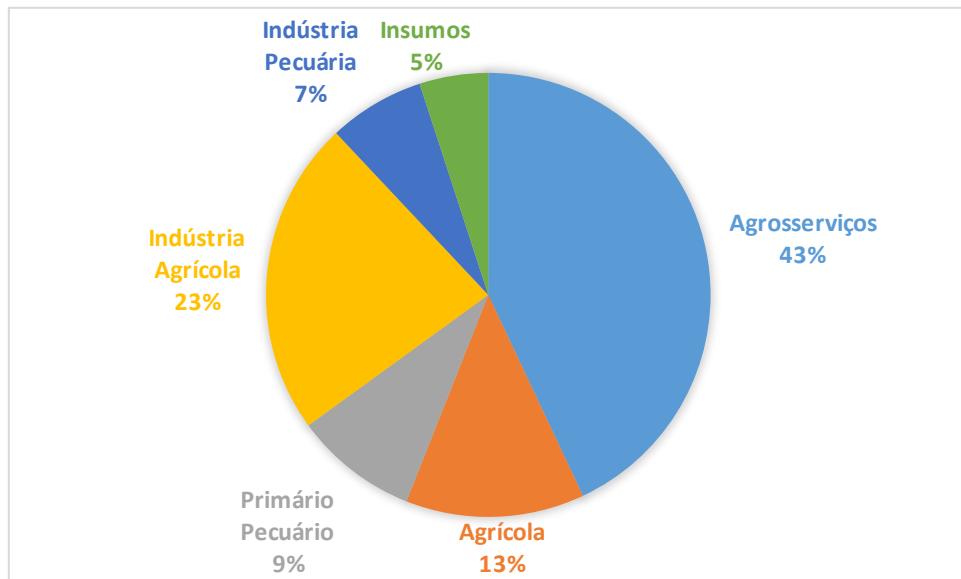
No cenário internacional, a menor demanda externa poderá ser contrabalançada pela maior valorização do dólar em relação ao real, o que reduzirá as perdas das cadeias de grãos e carnes. Em algumas situações, como o comércio de grãos e óleos com a China, este deverá se manter aquecido, tendo em vista não ter sofrido retração, mesmo no período de maior gravidade da pandemia naquele país. Assim, os setores e estabelecimentos agropecuários voltados para o mercado interno e mais dependente da demanda doméstica deverão ser os mais afetados. Mesmo neste segmento, produtos de maior valor agregado, aqueles que não sejam essenciais (maior elasticidade-renda) e os mais perecíveis deverão sentir com mais intensidade a retração do poder de compra dos brasileiros. A seguir, são apresentados os possíveis comportamentos das principais cadeias do agronegócio nacional:

1. **Bovinocultura leiteira:** com a produção no início do ano já próximo do atendimento da demanda interna, os preços permanecem altos aos produtores. Com o advento da pandemia, este cenário se altera, intensificando a procura por alguns derivados, a exemplo do leite UHT em virtude da incerteza de abastecimento, e retraindo a procura por produtos de maior valor agregado, como queijos e outros derivados lácteos. Para o médio prazo, espera-se retração na produção de toda a cadeia de lácteos, pela restrição da circulação da população, queda do poder de compra e perecibilidade destes produtos;
2. **Bovinocultura de corte:** as exportações continuam firmes e a oferta interna de animais para abate encontram-se restritas, o que tem segurado os preços;
3. **Suínos e aves:** exportações aquecidas e perspectivas de poucas alterações no consumo interno devem impedir quedas mais acentuadas. No caso das aves, os efeitos das suspensões das aulas e redução do mercado de food service devem impactar nos preços internos do produto;
4. **Grãos:** a desvalorização do real tem mantido as exportações aquecidas. Além disso, a demanda interna por milho, soja e seus derivados tem mantido os preços elevados. Paralisações nos portos argentinos também tiveram impacto positivo para o Brasil. Mas, com a perspectiva de menor comércio mundial, os preços podem sofrer reduções no médio prazo. Outro aspecto relaciona-se àqueles produtos que demandam maior parcela de insumos agrícolas importados, elevando seus custos de produção, com a desvalorização cambial;
5. **Frutas e hortaliças:** deverão sofrer os maiores impactos na demanda, em virtude das medidas restritivas de circulação da população por conta da pandemia, atingindo diretamente feiras, mercados e restaurantes. Os produtos mais perecíveis deverão apresentar as maiores perdas de receitas (como folhosas, tomate, banana e manga). Produtores que apresentam uma cadeia logística mais longa de comercialização também deverão ser mais fortemente impactados, a exemplo dos pequenos produtores e agricultores familiares. Para produtores de maiores portes, as condições devem permanecer praticamente estáveis, mas merecendo atenção, caso a pandemia se prolongue demasiadamente;
6. **Floricultura e produção de etanol:** deverão ser as atividades mais impactadas negativamente, a primeira pela quase total paralisação da demanda, por conta dos novos protocolos sanitários e as restrições de locomoção. Para o etanol, a forte queda nos preços internacionais do petróleo e as estratégias de isolamento têm reduzido consideravelmente a demanda por este combustível.

Segundo estudo do CEPEA, a bovinocultura leiteira, a hortifruticultura, a floricultura e os biocombustíveis devem se apresentar mais vulneráveis, merecendo atenção para não se ter restrições nas respectivas ofertas, afetando o mercado interno. Algumas agroindústrias com maior foco no mercado doméstico, como a têxtil-vestuarista, de calçados e de móveis, também apresentam maior vulnerabilidade. Vale destacar, ainda, que, independente do segmento, os produtores e empreendimentos de menor porte deverão apresentar maiores dificuldades em permanecer em suas atividades.

Autor: Wendell Márcio Araújo Carneiro, Economista, Coordenador de Estudos e Pesquisas - Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas, Banco do Nordeste/ETENE.

Gráfico 1 - Composição setorial do PIB do agronegócio brasileiro - 2019



Fonte: Cepea/Esalq-USP; CNA, 2020.

Quadro 1 - Composição setorial do PIB do agronegócio brasileiro - 2019

Atividade	%	Atividade	%
Indústria pecuária		Primário pecuário	
Abate	81%	Boi	39%
Laticínio	8%	Leite	19%
Couro, artigos e calçados de couro...	11%	Ovos	13%
Indústria agrícola		Suínos	11%
Celulose e papel	28%	Frango	11%
Outros alimentos e bebidas	28%	Pesca	7%
Produtos e móveis de madeira	15%	Demais	0,2%
Óleos e gorduras	7%	Primário agrícola	
Têxtil/vestuário	7%	Soja	33%
Moagem	6%	Outros	30%
Sucroalcooleira	6%	Cana	16%
Fumo	2%	Milho	13%
Café	2%	Algodão	4%
		Café	4%

Fonte: Cepea/Esalq-USP; CNA, 2020.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE ESTUDOS ECONÔMICOS DO NORDESTE - ETENE | Economista-Chefe: Luiz Alberto Esteves. Gerente de Ambiente: Tibério Rômulo Romão Bernardo. Célula de Estudos e Pesquisas Macroeconômicas. Gerente Executivo: Airton Saboya Valente Junior Equipe Técnica: Antônio Ricardo de Norões Vidal, Hellen Cristina Rodrigues Saraiva Leão, José Max Araújo Bezerra, Laura Lúcia Ramos Freire, Liliâne Cordeiro Barroso e Wendell Márcio Araújo Carneiro. Projeto Gráfico: Gustavo Bezerra Carvalho. Revisão Vernacular: Hermano José Pinho. Estagiário: João Marcos Rodrigues da Silva

Aviso Legal: O BNB/ETENE não se responsabiliza por quaisquer atos/decisões tomadas com base nas informações disponibilizadas por suas publicações e projeções. Desse modo, todas as consequências pelo uso de quaisquer dados ou análises desta publicação serão de responsabilidade exclusivamente do usuário, eximindo o BNB de todas as ações decorrentes do uso deste material. O acesso a essas informações implica a total aceitação deste termo de responsabilidade. Os conceitos e opiniões emitidos nesse documento não refletem necessariamente o ponto de vista do BNB. É permitida a reprodução das matérias, desde que seja citada a fonte.